

Me chamo Rosineide Narciso, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, tenho 50 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na Área de Ciências Exatas, pela UNIFAP. Há 31 anos moro em Oiapoque, trabalho na Área da Saúde, como Agente Comunitária de Saúde (ACS). No final de fevereiro, quando encerrou as aulas na UNIFAP, voltei para minha rotina de trabalho. Em março trabalhei apenas duas semanas, tive que parar pois logo a Organização Mundial de Saúde fez a recomendação do isolamento social. Março foi o preparo para a chegada do COVID-19 em nosso município, fizemos um preparo em Clevelândia do Norte para o enfrentamento do COVID-19 com palestras e ações. Tivemos orientação de como trabalhar com essa doença, uma doença que se alastrava pelo mundo a for a, mas já tinha casos no Brasil e não ia demorar muito para chegar no Amapá e em nosso município. Os Agentes de Saúde aprenderam a lidar com o seu público, a fazer as visitas não mais como antigamente, onde chegávamos com toda a Liberdade, entrávamos nas casas e conversávamos, não temos mais esse contato! Agora é somente "Bom dia! Como você está? Você está bem?", passei a trabalhar assim. Trabalhei duas semanas orientando meus pacientes hipertensos, diabéticos e grávidas a ficarem em casa, em quarentena, para não ter contato com o vírus. Comecei a fazer a orientação dentro de casa para meus filhos, dizia para quando saírem sempre usarem máscaras, não lanchar fora de casa, chegar em casa e lavar as mãos... Logo depois fiquei de quarentena!

Fiquei em quarentena e não sai de casa, só quando foi necessário para fazer as compras, comprava de muito para não precisar ir mais ao mercantil. Ia na padaria uma vez por semana e comprava muito pão, deixava na geladeira para conservar, coisa que eu nunca tinha feito! Um dos meus filhos, que já é casado, foi com sua esposa para a Aldeia Kumarumã. Minha outra filha foi para o terreno junto com o seu pai e a outra filha ficou em sua casa isolada, e eu fiquei isolada em minha casa.

Depois de um tempo com tudo isso acontecendo tive ansiedade, insônia e quase um início de depressão. Aprendi a me reinventar na minha própria casa. No mês de junho fiquei sabendo que meu filho tinha pegado o vírus na aldeia, fiquei muito preocupada. Ele apresentou sete dias de febre e tosse, ele tomava remédios farmacêuticos e chás caseiros que ajudaram bastante em sua recuperação. Depois que meu filho adoeceu fiquei com o psicológico mexido, então pensei em voltar a trabalhar, mas como faço parte do grupo de risco, sou hipertensa, fiquei com medo, porque a maioria das minhas colegas de trabalho pegaram COVID-19.

Os parentes na aldeia são acostumados a se preocuparem uns com os outros, porém, nesse tempo de pandemia, não conseguimos muito ter um isolamento adequado. Acho que foi por causa da união uns com os outros: os parentes adoecem e os outros vão visitá-los, os parentes morrem vão ao velório. Então não teve aquela restrição, aquele isolamento. Talvez, não sei, se tivesse feito o isolamento não tivesse muitas mortes de parentes na nossa região, mas só Deus mesmo! Fico muito triste pelos parentes que perderam os entes queridos, essa pandemia me fez ter vagas lembranças de quando surgiu o sarampo e de como chegou nas aldeias, muitos parentes naquela época se isolaram, se refugiaram, também perdemos muitos parentes naquele tempo.

Tive contato com pessoas que contraíram o vírus, fizeram teste e deu positivo. Eu sempre fiz o teste e sempre deu negativo mas aqui em Oiapoque, a cada oito casas que eu faço visitas, duas casas ou mais contraíram o vírus ou estão com vírus. Faço teste a cada sete dias para saber se estou bem, sem o vírus. Nós, povos indígenas, tivemos impactos com o isolamento social, muitos são produtores de farinha e trazem para vender na cidade, mas não podiam fazer isso. Outros indígenas que moram em Oiapoque, seja por trabalho ou outro motivo, tiveram que voltar para sua aldeia, seja para ficar em isolamento ou por não ter condições financeiras de se manter na cidade. Esse impacto afetou toda a sociedade brasileira, não só nós indígenas. Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram e ainda sofrem nessa pandemia. Perdemos médicos, enfermeiros, agentes de saúde, técnicos... mas eu estou aqui firme e forte! Eu acredito em dias melhores .

Oiapoque, Amapá, Brasil  
25 de Agosto de 2020

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Je m'appelle Rosineide Narciso, je suis originaire de l'ethnie Galibi-Marworno, j'ai 50 ans, je suis diplômée dans le Cours de Licence Interculturelle Indigène, dans le domaine des sciences exactes, à l'UNIFAP. Je vis à Oiapoque depuis 31 ans, je travaille dans le domaine de la santé, en tant qu'agent de santé communautaire (ACS). Fin février, à la fin des cours à l'UNIFAP, je suis retourné à ma routine de travail. En mars, je n'ai travaillé que deux semaines, j'ai dû arrêter car l'organisation mondiale de la santé a rapidement recommandé l'isolement social. Mars était la préparation de l'arrivée du COVID-19 dans notre municipalité, nous avons fait une préparation à Clevelândia do Norte pour affronter le COVID-19 avec des conférences et des actions. Nous avions des conseils sur la façon de travailler avec cette maladie, une maladie qui s'est répandue dans le monde entier, mais il y avait déjà des cas au Brésil et il ne faudrait pas longtemps avant d'arriver à Amapá et dans notre municipalité. Les agents de santé ont appris à traiter avec leur public, à ne plus faire de visites comme avant, où nous sommes arrivés en toute liberté, nous sommes entrés dans les maisons et avons parlé, nous n'avons plus ce contact! Maintenant, c'est juste «Bonjour! Comment allez-vous? Ça va? », J'ai commencé à travailler comme ça. J'ai travaillé deux semaines en consultant à mes patientes hypertendues, diabétiques et enceintes de rester à la maison, en quarantaine, afin de ne pas avoir de contact avec le virus. J'ai commencé à donner des conseils à mes enfants à la maison, j'avais l'habitude de dire que, quand ils sortaient toujours porter des masques, ne pas grignoter à l'extérieur de la maison, rentrer à la maison et se laver les mains ... Peu de temps après j'ai été mis en quarantaine!

-J'ai été mis en quarantaine et je n'ai pas quitté la maison, seulement quand il était nécessaire de faire les courses, j'en ai acheté beaucoup pour ne plus avoir à aller au magasin. J'allais à la boulangerie une fois par semaine et j'achetais beaucoup de pain, je le laissais au réfrigérateur pour le garder, ce que je n'avais jamais fait auparavant! Un de mes enfants, déjà marié, est allé avec sa femme au Village Kumarumã. Mon autre fille est allée au champ avec son père et l'autre fille est restée dans sa maison isolée, et j'ai été isolée dans ma maison. Après un certain temps avec tout cela, j'ai eu de l'anxiété, de l'insomnie et presque un début de dépression. J'ai appris à me réinventer dans ma propre maison. Au mois de juin, j'ai appris que mon fils avait attrapé le virus dans le village, j'étais très inquiète. Il a eu sept jours de fièvre et de toux, il prenait des produits pharmaceutiques et des thés maison qui ont beaucoup aidé à son rétablissement. Après que mon fils soit tombé malade, j'ai eu des troubles psychologiques, alors j'ai pensé retourner au travail, mais comme je fais partie du groupe à risque, je suis hypertendu, j'avais peur, car la plupart de mes collègues ont contracté le COVID-19.

Les proches du village ont l'habitude de s'inquiéter les uns des autres, mais en cette période de pandémie, ils n'ont pas été en mesure de parvenir à un isolement adéquat. Je pense que c'est à cause de l'union entre eux: les parents tombent malades et les autres vont leur rendre visite, les parents meurent vont aux funérailles. Il n'y avait donc aucune restriction, aucun isolement. Peut-être, je ne sais pas, si j'avais fait l'isolement, il n'y aurait pas eu beaucoup de morts de parents dans notre région, mais seulement Dieu! Je suis très triste pour les parents qui ont perdu des êtres chers, cette pandémie m'a fait garder de vagues souvenirs du moment où la rougeole est apparue et comment elle est arrivée dans les villages, de nombreux proches à l'époque se sont isolés, se sont réfugiés, nous avons également perdu de nombreux proches à cette époque. J'ai eu des contacts avec des personnes qui ont contracté le virus, qui ont été testées positives. J'ai toujours passé le test et c'était toujours négatif, mais ici à Oiapoque, pour huit maisons que je visite, deux maisons ou plus ont contracté le virus ou ont un virus. Je teste tous les sept jours pour voir si je vais bien, sans virus.

Nous, les peuples indigènes, avons eu des impacts avec l'isolement social, beaucoup sont des producteurs de farine et l'apportons pour la vendre en ville, mais ils ne pouvaient pas le faire. D'autres indigènes qui vivent à Oiapoque, soit pour le travail, soit pour une autre raison, ont dû retourner dans leur village, soit pour être isolé, soit pour ne pas avoir les moyens financiers de rester en ville. Cet impact a touché l'ensemble de la société brésilienne, pas seulement nous, peuples indigènes. Les professionnels de la santé sont ceux qui ont le plus souffert et qui souffrent encore de cette pandémie. Nous avons perdu des médecins, des infirmières, des agents de santé, des techniciens ... mais je suis ici ferme et fort! Je crois en des jours meilleurs.

Oiapoque, Amapá, Brésil  
25 Août 2020

Traduit par Johnson Morancy

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

My name is Rosineide Narciso, I belong to the Galibi-Marworno indigenous ethnic group, I'm 50 years old, I'm an Indigenous Intercultural Degree student in the Exact Sciences, at UNIFAP. I have lived in Oiapoque for 31 years, where I work in the Health Area, as a Community Health Agent (ACS). By the end of February, when the classes at UNIFAP ended, I went back to my work routine. In March I worked just for two weeks, I had to pause my activities due to the social isolation recommended by the World Health Organization.

On March we prepared for the arrival of COVID-19 in our municipality, we trained in Clevelândia do Norte in order to properly face this disease, through lectures and actions. We were instructed on how to work against it, a virus that was spread throughout the world, which cases could be already be found in Brazil. Sooner it would arrive in Amapá and also in our city. The Health Agents learned about managing their public, to adapt the visits, because before we visited the homes freely, we entered the houses and talked a lot to the families, we no can longer proceed with that close contact! Now it's just "Good morning! How are you? Are you okay?", I started working like this.

For two weeks I worked on advising my hypertensive, diabetic and pregnant patients to stay at home, in quarantine, so as not to be infected with the virus. I started guiding my children at home, I taught them to never leave the house without masks, not having snacks outside the house, and wash their hands right after arriving at home... Soon, I quarantined as well!

As I was quarantined, I didn't leave the house, except for when it was necessary to buy groceries, I usually bought a lot so I wouldn't have to go to the store again. I bought a lot of bread from the bakery, put them in the fridge to keep, which I had never done before! A son of mine, who is already married, went to Kumarumã Village with his wife. My daughter went to her father's campsite and another daughter of mine stayed isolated in her home, and I was isolated at mine.

After a while I had anxiety, insomnia and almost a beginning of depression because of all these pandemic happenings. I learned to rebuild myself inside my home. In June I learned that my son had caught the virus in the village, I was very worried. He spent seven days in fever and cough, he was taking pharmacy remedies and home teas that helped a lot in his recovery. After my son got sick, I got psychologically unstable, so I thought about going back to work, but since I'm part of the risk group, I'm hypertensive, I was afraid, because most of my co-workers got COVID-19.

The villages inhabitants are used to worrying about each other, however, in this time of pandemic they couldn't follow an adequate isolation. I think it was because of mutual fear: whoever gets sick is visited by everyone; if anyone dies, they go to the funeral. So, there was no restriction, no isolation. Maybe, I don't know, if they had followed isolation there wouldn't have been many deaths of relatives in our region, God only knows! I'm heartbroken for the families who lost loved ones, this pandemic resembled me vague memories of when measles arrived in the villages, many relatives at that time isolated themselves, took refuge away, and we also lost many lives at that time.

I had contact with people infected with the virus and tested positive. I was frequently tested and it was always negative, but here in Oiapoque, there are covid patients in two out of eight houses. I'm tested for covid every seven days to check if I'm okay. We, indigenous peoples, felt the impacts caused by social isolation, many of us are manioc flour producers and sell it in the city, but we couldn't do that. Other indigenous people who live in Oiapoque, either for work or for another reason, had to return to their villages, either to stay in isolation or because they couldn't afford staying in the city. This pandemic affected the entire Brazilian society, not only us indigenous peoples.

Health professionals were the ones who suffered the most and still suffer in this pandemic. We lost doctors, nurses, health workers, technicians ... but I am here firm and strong! I believe better days are coming.

Oiapoque, Amapá, Brazil  
August 25th, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Me llamo Rosineide Narciso, soy Indígena de la etnia Galibi-Marworno, tengo 50 años, soy académica de la carrera de Licenciatura Intercultural Indígena, en la área de Ciencias Exactas por la UNIFAP. Hace 31 años que vivo en Oiapoque, trabajo en la área de salud como agente comunitaria de salud. En el final del mes de febrero, cuando cerraron las clases en UNIFAP, volví a mi rutina de trabajo. En marzo solo trabajé dos semanas, tuve que parar porque la Organización Mundial de la Salud dió la recomendación del aislamiento social.

Marzo fue la preparación para la llegada del COVID-19 en nuestro municipio, hicimos una preparación en Clevelândia del Norte para el enfrentamiento del Covid-19 con discursos y acciones. Tuvimos orientación de como trabajar con esa enfermedad, una enfermedad que se expandía por el mundo, ha había casos en Brasil, no iba a demorar mucho para que llegue a Amapá y a nuestro municipio. Los agentes de salud aprendieron a lidiar con su público, a realizar visitas no como antes, donde llegábamos con toda libertad, entrábamos en las casas y conversábamos, ya no tenemos ese contacto. Ahora solo los buenos días, cómo estás, después ir a trabajar.

Trabajé durante dos semanas orientando a mis pacientes hipertensos, diabéticos y embarazadas, a que se queden en casa, en cuarentena, para que no entren en contacto con el virus. Comencé a orientar a mis hijos, les decía que cuando tengan que salir de casa que usen mascar, que no coman fuera de casa, al llegar a casa que se laven las manos, después nos quedamos en cuarentena.

Me quedé en cuarentena y no salí de casa, sólo cuando era necesario, como hacer compras, compraba de todo para no tener que ir de nuevo al mercado. En la panadería una vez a la semana se compraba mucho pan, los dejaba en la nevera para conservarlos, cosa que nunca había hecho. Uno de mis hijos, que ya está casado se fue con su esposa a la aldea Kumarumã. Mi otra hija se fue al terreno con su padre y otra hija mía se quedó en su casa aislada, me quedé aislada en mi casa también.

Después de un tiempo con todo esto aconteciendo tuve ansiedad, insomnio y casi un poco de depresión. Aprendí a reinventarme en mi propia casa. En el mes de julio supe que mi hijo se contagió del virus en la aldea, me quedé preocupada. Él presentó siete días de fiebre y toz, el tomaba remedios farmacéuticos y té casero que ayudaron bastante en su recuperación. Después que mi hijo enfermó tengo problemas psicológicos, entonces pensé en volver a trabajar, pero como soy parte del grupo de riesgo, soy hipertensa, estuve con miedo, porque la mayoría de mis amigas de trabajo se contagiaron del Covid-19.

Los parientes de la aldea están acostumbrados a cuidarse unos a otros, sin embargo, en ese tiempo de pandemia no consiguieron tener un aislamiento adecuado. Creo que fue por la unión de unos con los otros: Los parientes enferman y otros van a cuidarlos. Creen que fue por la unión van al velorio. Por lo tanto no hubo aquella restricción ni aquel aislamiento.

Quizás, no sé, si hubieran hecho el aislamiento no habría habido muchas muertes de familiares en nuestra región, pero sólo Dios sabe. Me pongo muy triste por los parientes que perdieron a sus seres queridos, esta pandemia me hizo tener vagos recuerdos de cuando apareció el sarampión y también perdimos muchos familiares en ese momento.

Tuve contacto con personas que contrajeron el virus, hicieron la prueba y dió positivo. Siempre hice la prueba y siempre fue negativa, pero aquí en Oiapoque, por cada ocho casas que visito, dos o más casas han contraído el virus o tienen un virus. Hago la prueba cada siete días para ver si estoy bien. Nosotros, los pueblos indígenas, tuvimos impactos con el aislamiento social, muchos son productores de harina y la traen para venderla a ciudad, pero no pudieron hacer eso. Otros indígenas que viven en Oiapoque, ya sea por trabajo o por otro motivo, tuvieron que regresar a su aldea, ya sea para estar en aislamiento por no tener los medios económicos para permanecer en la ciudad. Este impacto afectó a toda la sociedad brasileña, no solo a los indígenas.

Los profesionales de la salud fueron los que más sufrieron y siguen sufriendo en esta pandemia. Perdimos médicos, enfermeras, trabajadores de la salud, técnicos ... ¡pero aquí estoy firme y fuerte! Creo en días mejores.

Oiapoque, Amapá, Brasil  
25 de Agosto de 2020

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

